

A HISTÓRIA
DA EDUCAÇÃO
EM VILA NOVA DE GAIA

COORD.
CLÁUDIA PINTO RIBEIRO
FRANCISCO MIGUEL ARAÚJO

Título: *A História da Educação em Vila Nova de Gaia*

Coordenação: Cláudia Pinto Ribeiro
Francisco Miguel Araújo

Fotografia da capa: fac-símile do «Projecto da Escola Municipal “Pinto Mourão”, lugar de Laborim de Baixo»
(Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner – Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia)

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-70-8

Depósito Legal: 426971/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Porto

Junho 2017

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

Apoios: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia; Arquivo Municipal Sophia Mello Breyner; HISTEDUP – Associação de História da Educação de Portugal.

AS “ESCOLAS OPERÁRIAS” EM VILA NOVA DE GAIA

LICÍNIO SANTOS

Resumo: Este trabalho pretende elucidar algumas das iniciativas tomadas no âmbito do ensino pelos defensores da classe operária no concelho de Vila Nova de Gaia, entre finais do século XIX e inícios do século XX. Para a sua elaboração tivemos como suporte a nossa dissertação de mestrado, onde em capítulo próprio abordamos esta problemática, referente a uma época em que se considerava a instrução dos mais desfavorecidos como o “pão do espírito” e o caminho para a sua emancipação social. Abordaremos assim as instituições e as respetivas iniciativas com vista à instrução dos mais desfavorecidos em terras gaienses.

Palavras-chave: *Instrução Operária; Associativismo gaiense; A Luz do Operário.*

Abstract This essay aims to survey public instruction initiatives undertaken between the late 19th and early 20th centuries by advocates of the working class in Vila Nova de Gaia around this specific educational segment. This assessment emerges from an MA dissertation in which we examined the role that the education of the underprivileged played during the period under consideration, namely being viewed as ‘soul’s sustenance’ and true path for social emancipation. Within this framework, our analysis identifies the most significant institutions and educational initiatives aimed at the working classes of this municipality.

Keywords: *Proletarian education; Gaia’s associativism; A Luz do Operário.*

1. INTRODUÇÃO

A instrução era vista nos finais de Oitocentos como uma arma para combater os grandes problemas sociais no seio da classe operária, tais como, para além da precária situação social, o alcoolismo e a prostituição, entre outros. É certo que a importância da instrução não surgiu com as correntes defensoras da classe operária, nem no período que aqui abordamos. Ela é assumida logo no início do século XIX pelos liberais, que defendiam que educar era instruir e transmitir valores e normas de conduta¹.

Apesar dos esforços dos sucessivos governos liberais ao longo do século XIX, estes nunca conseguiram implantar uma reforma eficiente na instrução, que conseguisse servir todas as camadas sociais, o que vai levar, nos finais desse século, a que tanto republicanos como socialistas e anarquistas defendessem a democratização e universalidade de um ensino público, laico e gratuito.

Os socialistas acreditavam que a instrução era um meio de libertação e emancipação, um meio de nivelar as desigualdades sociais, acreditando que esta civilizava, pois através dela se conseguia educar, transmitindo valores e moralizando costumes e, com isso, se conseguiria diminuir os vícios e a criminalidade².

Para entendermos a importância que estes davam a esta questão podemos observar de que forma o assunto foi abordado na II Conferência Nacional Socialista (1895), em que o partido português dedicou um dos pontos a defender a instrução dos operários e seus filhos. Para isso defendia a criação de escolas e bibliotecas na tentativa de generalizar o ensino, e o ensino profissional em particular, com fins não só educacionais, mas também propagandísticos, tentando também apostar na organização de atividades como «assembleias, conferências, festas e reuniões»³. O partido, tendo em conta estas iniciativas, vai formar diversas associações com estes fins, como, por exemplo, o Instituto de Cultura Socialista e o Grémio Socialista de Lisboa, embora sem grandes resultados práticos⁴.

Existia por parte destes o cuidado para que a instrução não fosse vista de forma entediante, daí tentarem sempre que ela fosse associada a formas lúdicas e de lazer, visto que os dias de trabalho eram longos e cansativos.

Os socialistas, tal como republicanos e anarquistas, defendiam uma escola livre, baseada na igualdade e gratuidade de acesso à instrução, o estabelecimento de um sistema educacional laico e a criação de orientação vocacional. Neste ponto tanto

¹ CASTRO, 1999: 216.

² CASTRO, 1999: 219.

³ PERALTA GARCIA, 2002: 35.

⁴ PERALTA GARCIA, 2002: 35.

socialistas como republicanos estavam de acordo. No entanto, os socialistas afirmavam que, enquanto o sistema capitalista estivesse em vigor, o sistema educacional seria totalmente parcial e iria sempre defender os mais favorecidos⁵.

2. O ASSOCIATIVISMO OPERÁRIO EM VILA NOVA DE GAIA

Só faz sentido falar em «escolas operárias» conhecendo um pouco do «associativismo operário» no concelho, já que são estas associações que estão na sua base.

No que toca à organização associativa popular, as associações que mais proliferavam em Vila Nova de Gaia foram as associações mutualistas. Apesar de não serem associações exclusivamente operárias, congregavam no seu seio um grande número de operários. O *Almanaque de Vila Nova de Gaia de 1912* aponta a existência de 31 associações deste género no concelho⁶.

Segundo Gonçalves Guimarães, o sucesso destas associações deveu-se essencialmente ao facto de, nos finais do século XIX, não existir assistência pública organizada: «para ultrapassar tal grave carência, também em Vila Nova de Gaia o movimento mutualista encontrou terreno fértil para se desenvolver»⁷.

Tomando ainda como fonte o *Almanaque de 1912*, estavam sediadas no concelho nove associações de classe, nomeadamente: a Associação de Entalhadores do Norte⁸, a Liga das Artes Cerâmicas do Porto e Gaia, a Associação dos Lojistas Barbeiros e Cabeleireiros de Gaia, a Associação dos Manipuladores de Cravos e Ferraduras do Porto e Gaia, a Associação dos Operários Metalúrgicos (3.ª secção)⁹, a Associação dos Operários Caixoteiros do Porto e Gaia, a Associação dos Tanoeiros do Porto e Gaia, a Associação dos Trabalhadores dos Armazéns de Vinho do Porto e Gaia e a União dos Trabalhadores Fluviais do Porto e Gaia¹⁰.

Outro tipo de «associativismo» operário que se desenvolveu na época que estudamos foi o cooperativismo. Chegado a Portugal em 1867, com a criação do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, em Lisboa, só des-

⁵ MÓNICA, 1980: 511-512.

⁶ *Almanaque...*, 1912: 100-101.

⁷ GUIMARÃES, 1997: 109.

⁸ Única associação de classe que não estava sediada na freguesia de Santa Marinha, mas sim na de Avintes.

⁹ Nesta época, 1912, a Associação de Metalúrgicos de Vila Nova de Gaia ter-se-ia fundido com a sua congénere portuense, daí ter a designação que apresentamos no texto, no entanto, não temos dados que nos permitam afirmar tal categoricamente.

¹⁰ *Almanaque...*, 1912: 99; vd. SANTOS, 2014: 27-28.

pertaria em Vila Nova de Gaia em 1891, com a criação da Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso¹¹.

Este movimento foi aqui muito forte na última década do século XIX, tendo sido fundadas 16 cooperativas, sendo 14 de crédito e consumo e 2 de produção. Quando entramos no século XX, este movimento vai perdendo fulgor. Nos primeiros catorze anos do século passado só surgiram três cooperativas de crédito e consumo e uma de produção. Chegou a atingir tal importância que, em 1898, se constituiu no concelho uma federação, a Federação das Cooperativas Operárias do Norte de Portugal¹². Porém, a sua existência terá sido efêmera, porque logo a partir de 4 de fevereiro de 1900, deixamos de ter sobre ela referências¹³.

Para além das associações referidas, não podemos deixar de aludir aos gabinetes de instrução e bandas de música operárias que se desenvolveram no concelho nessa época. Porém abordaremos este tipo de associações numa fase mais avançada do nosso trabalho.

Por fim, falta-nos referir o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia, fundado em 1899¹⁴. Depois da implantação da República em 1910, o número de centros socialistas multiplicou-se e estendeu-se a várias partes do concelho, existindo em 1912 mais oito no total¹⁵.

3. NECESSIDADE DE CRIAR ESCOLAS OPERÁRIAS: AS CRÍTICAS AO ENSINO OFICIAL

Segundo Gonçalves Guimarães, o analfabetismo operário no concelho para o ano de 1881, rondava os 97%. Anos antes, em 1863, o concelho contava com 14 escolas de instrução primária, 7 escolas régias e 7 municipais. Porém, em 1881, apesar das melhorias no ensino, este estava ainda muito longe de ser aceitável, sendo raros os casos de filhos de operários que frequentavam as escolas públicas¹⁶.

São várias as críticas que podemos encontrar no jornal *A Luz do Operário* às escolas públicas e mesmo privadas, no período aqui abordado, com principal incidência para os primeiros anos desta publicação.

¹¹ *A Luz do Operário*, n.º 49, 02.12.1894; esta notícia refere-se às comemorações do 4.º aniversário desta sociedade, afirmando-se que esta foi a primeira cooperativa a instalar-se no concelho.

¹² *A Luz do Operário*, n.º 130, 20.02.1898.

¹³ *A Luz do Operário*, n.º 181, 04.02.1900.

¹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 157, 05.03.1899.

¹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 495, 18.02.1912; n.º 514, 10.11.1912; n.º 516, 08.12.1912.

¹⁶ GUIMARÃES, 1997: 106-107.

Logo em 1895, uma notícia dava conta que a instrução pública fora discutida na ultima sessão camarária, onde o autarca Gomes da Luz afirmara que: «preferia mais que se gastasse qualquer quantia para o seu desenvolvimento, pois que era o verdadeiro pão do espírito, do que com outras exigências de muito menos alcance»¹⁷. A notícia referia ainda que a instrução em Portugal continuava aquém dos grandes países, dando como exemplo o caso da Alemanha.

Em novembro desse mesmo ano, é publicada outra crítica, desta vez focando as desigualdades existentes na atenção dada pelos professores aos alunos, já que os filhos dos mais desfavorecidos não teriam o mesmo tratamento que os filhos dos mais abastados, pois que os últimos podiam despende algum dinheiro para oferecer presentes aos professores¹⁸.

Em fevereiro de 1898 é publicada uma notícia em que a instrução ministrada nas escolas públicas, e em algumas privadas, é classificada como sendo: «verdadeiramente defeituosa, insuficiente e diremos até de resultados muito pouco aproveitáveis»¹⁹. No mesmo artigo podemos ler ainda que os professores são mal remunerados, desleixando-se em parte por isso, mas também porque o que lhes interessava era agradar à facção política que os lá tinha colocado e não tentar suprir as lacunas com que a sociedade portuguesa se deparava em matéria de instrução. Também os espaços escolares não escapavam às críticas, sendo descritos como pouco higiénicos, sem mobília e onde faltavam todas as comodidades indispensáveis para a prática do ensino²⁰.

Outra crítica é direcionada para os horários em que as escolas públicas lecionavam, não podendo assim os filhos dos mais necessitados frequentá-las devido à situação económica familiar, visto que estas famílias necessitavam do dinheiro da mão de obra infantil, que apesar de mal remunerada, era mais uma ajuda para o curto orçamento familiar. Assim: «aos oito ou nove anos quando a criança devia caminhar para a escola, alegre e contente a aprender as noções especiaes e necessárias à vida humana nas suas múltiplas manifestações», encaminhava-se «cabisbaixa para a oficina onde vae ser martyrizada, explorada como já o foram seus antepassados»²¹.

As instituições operárias de índole marxista lutavam por uma instrução livre e que não estivesse ligada a preceitos religiosos, que o jornal apelidava de «instrução viciosa»²². Uma das medidas tomadas em Vila Nova de Gaia contra os ensinamentos

¹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 52, 24.02.1895.

¹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 70, 03.11.1895.

¹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 129, 06.02.1898.

²⁰ *A Luz do Operário*, n.º 129, 06.02.1898.

²¹ *A Luz do Operário*, n.º 134, 27.04.1898.

²² *A Luz do Operário*, n.º 330, 22.10.1905.

religiosos foi a organização de comícios e conferências antijesuíticas, sendo vários os exemplos publicados no jornal *A Luz do Operário*²³.

A tolerância do jornal para com as instituições de instrução protestantes foi sempre maior, aliás como o prova uma notícia de 9 de janeiro de 1898, sobre a festa da Escola do Torne, em que Zeferino Costa²⁴, um dos oradores convidados, agradece a Diogo Cassels o seu interesse pela instrução dos mais desfavorecidos²⁵. Em 1906, vamos ter nova referência à Escola do Torne, em especial ao seu curso noturno, que é elogiado pelo que tinha feito em prol dos operários²⁶. Tal tolerância seria novamente demonstrada em 1907, aquando da fundação do Colégio Lusitano de Oliveira do Douro²⁷.

4. AS ESCOLAS OPERÁRIAS

a) as Associações Musicais

As associações musicais tinham uma dupla preocupação na instrução dos operários, associando instrução e lazer, tentando fazer da música uma terapia para afastar os operários das «malditas tabernas». Além disso, estas associações proporcionavam, muitas vezes, não só formação musical mas também outros tipos de formação artística e de literacia.

A primeira referência a uma associação musical surge-nos logo no primeiro número de *A Luz do Operário*, com uma notícia que nos informa que a Troupe Musical Recreio Operário de Mafamude pretendia iniciar em breve um ciclo de conferências operárias, assim como uma aula de desenho para os associados²⁸.

Voltamos a ter informação de uma associação musical ligada à instrução passados dois anos, numa notícia de 21 abril de 1895, referindo que, próximo ao Cais

²³ Vd. SANTOS, 2014: 32.

²⁴ Zeferino Dias da Costa segundo o *Caderno Eleitoral das Eleições de Deputados de 1894* residia na rua 14 de Outubro, Mafamude, contando então 25 anos e sendo apresentado como empregado comercial (COSTA & MOREIRA, 2001: 335); foi um dos fundadores da Cooperativa da Serra do Pilar, sendo presidente da mesma no ano de 1898 (*A Luz do Operário*, n.º 129, 06.02.1898). Vd. BAPTISTA, 2010, refere-nos que nos anos seguintes ao *Ultimatum Inglês* este foi um fervoroso adepto das ideias republicanas, no entanto, acreditamos que com os anos acabaria por se converter aos princípios socialistas, pelo facto de em 1898 ser membro da lista deste partido que concorreu à Câmara Municipal de Gaia (*A Luz do Operário*, n.º 148, 30.10.1898).

²⁵ *A Luz do Operário*, n.º 127, 09.01.1898.

²⁶ *A Luz do Operário*, n.º 355, 07.10.1906.

²⁷ Vd. SANTOS, 2014: 33; sobre este colégio, cf. SILVA, 2013.

²⁸ *A Luz do Operário*, n.º 1, 12.03.1893.

de Gaia (ao Castelo), se tinha acabado de fundar uma nova associação: o Grupo Musical Gaiense. Para além da escola musical, os diretores dessa instituição pensavam criar um gabinete de leitura anexo, pedindo ajuda a todas as redações dos jornais liberais, com o fim de instruir a todos aqueles que procuravam na leitura «o pão de espírito»²⁹.

A 13 de dezembro de 1896, outra notícia acerca desta associação informava que a direção pensava criar um curso noturno de instrução rudimentar, atitude que mereceu os maiores elogios do redator da notícia, que entendia que o lugar de Gaia era um dos que mais carecia de instrução³⁰. Esse curso viria a avançar, como nos confirma uma notícia do número seguinte do jornal³¹.

Passado menos de um mês, temos a informação de que o mesmo grupo tencionava realizar uma outra iniciativa, com a promoção de uma série de conferências instrutivas³². Tais palestras iniciar-se-iam cerca de dois meses mais tarde, a 21 de março, com a conferência de Henrique de Macedo Júnior, sob o tema «A convivência das sociedades musicais nos centros trabalhadores»³³.

No mesmo ano de 1897, e por notícia de 10 de janeiro, temos informação de que a direção de uma outra associação, a Troupe Musical Vilanovense, pensava constituir um gabinete de leitura³⁴. A 13 de julho de 1899, uma outra notícia refere que, na semana anterior, o Grupo Musical Liberdade, Igualdade e Fraternidade tinha inaugurado um curso de dança, mantendo aberta a inscrição para novos sócios³⁵. Como já anteriormente referimos, estas iniciativas eram utilizadas na maioria das vezes para atrair novos sócios.

Para além das já citadas associações, muitas mais existiam em Vila Nova de Gaia. Temos conhecimento da sua participação em vários momentos festivos de outras associações operárias. Refiram-se entre outras: Troupe Musical Amor pela Pátria³⁶, Troupe Soares dos Reis³⁷, Troupe Musical Vilanovense³⁸, Troupe Musical Lira de Ouro³⁹. Apesar de não termos nenhuma informação detalhada acerca das suas atividades, tal não significa que não as promovessem.

²⁹ *A Luz do Operário*, n.º 56, 21.04.1895.

³⁰ *A Luz do Operário*, n.º 99, 13.12.1896.

³¹ *A Luz do Operário*, n.º 100, 27.12.1896.

³² *A Luz do Operário*, n.º 102, 24.01.1897.

³³ *A Luz do Operário*, n.º 106, 21.03.1897.

³⁴ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10.01.1897.

³⁵ *A Luz do Operário*, n.º 159, 12.04.1899.

³⁶ *A Luz do Operário*, n.º 23, 14.01.1894.

³⁷ *A Luz do Operário*, n.º 42, 07.10.1894.

³⁸ *A Luz do Operário*, n.º 104, 21.02.1897.

³⁹ *A Luz do Operário*, n.º 125, 12.12.1897.

É provável que estas associações musicais populares funcionassem, simultaneamente, na sua maioria, como bandas de música e escolas musicais. Numa notícia publicada no jornal *A Luz do Operário* sobre a Troupe Musical 1.º de Setembro, do Porto, refere-se que os sócios que pertenciam à sua banda teriam uma cota diferente dos que ainda estavam em aprendizagem, passando estes a pagar uma cota igual quando passassem a pertencer à banda⁴⁰. Não deveria ser muito diferente o sistema utilizado nas associações gaienses congéneres.

b) as Cooperativas e a Instrução

Um outro tipo de agremiações operárias que se preocuparam com a instrução dos seus sócios foram as cooperativas. Organizavam conferências, sessões de propaganda, sessões solenes, bibliotecas, aulas noturnas e até aulas diurnas em alguns casos, funcionando com escolas anexas, como no caso da Cooperativa de Crédito e Consumo de Vilar do Paraíso.

Em 4 de setembro de 1894, o jornal publicava o relatório de contas da cooperativa vilarense. Nele se pode verificar que, nessa época, a cooperativa disponibilizava cinco mil réis para um fundo de instrução⁴¹. No ano seguinte, pensava a direção organizar um gabinete de leitura e instrução para frequência dos seus associados e filhos⁴². Porém, meio ano volvido, um grupo de sócios iria protestar em assembleia-geral contra esta iniciativa por não ver qualquer benefício nela⁴³. Tal protesto não teve qualquer efeito, já que, a 1 de maio de 1896, o jornal noticiava que a comissão responsável pelo gabinete de leitura e de instrução estava a organizar uma sessão solene em que seria sorteada uma rifa, cujos lucros reverteriam para o fundo de instrução⁴⁴. Ainda nesse mês, o grupo responsável por esse gabinete iniciou a realização de uma série de conferências há muito anunciadas, tendo-se já realizado duas, ambas bastante concorridas⁴⁵.

Logo no início do ano de 1897, o jornal informava que o gabinete estava em funcionamento, contando com duas aulas noturnas, uma de instrução rudimentar e uma outra de desenho, pensando os responsáveis organizar uma aula diurna⁴⁶. Em nosso entender, esta forte dinamização revela a grande adesão à iniciativa nesses anos. Porém, acreditamos que, com o tempo, a procura das aulas terá diminuído,

⁴⁰ *A Luz do Operário*, n.º 141, 24.07.1898.

⁴¹ *A Luz do Operário*, n.º 40, 04.09.1894.

⁴² *A Luz do Operário*, n.º 64, 11.08.1895.

⁴³ *A Luz do Operário*, n.º 77, 09.02.1896.

⁴⁴ *A Luz do Operário*, n.º 83, 01.05. 896.

⁴⁵ *A Luz do Operário*, n.º 85, 31.05.1896.

⁴⁶ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10.01.1897.

até porque, a partir desta notícia, as informações acerca deste gabinete tornaram-se escassas, sendo a última do ano de 1900, referindo a abertura das inscrições para o curso noturno⁴⁷.

Para além de informações sobre o seu gabinete de instrução, temos informação de que esta cooperativa organizava todos os anos duas sessões solenes, uma para comemorar o seu aniversário, convidando para o efeito vários oradores, que, por norma, abordavam temas acerca das vantagens do cooperativismo e da instrução; e outra para comemorar o 1.º de maio.

Outra cooperativa que teve um cuidado especial com a instrução foi a Cooperativa Económica Operária de Mafamude. Já em 1897 a sua direção trabalhava com o intuito de constituir um gabinete de leitura e instrução⁴⁸. Tal como para a cooperativa anterior temos referências às sessões solenes que esta organizava todos os anos para assinalar o seu aniversário e o 1.º de Maio, como era aliás recorrente neste tipo de associações. Temos ainda informação de, pelo menos, duas sessões de propaganda que esta associação organizou na freguesia vizinha, antes de se constituir a Cooperativa de Oliveira do Douro.

Nesta terá funcionado uma aula noturna, pelo menos no ano de 1899, cujas inscrições são noticiadas no jornal⁴⁹. Das sessões solenes que esta cooperativa organizava destacamos a que assinalou o seu segundo aniversário, em que esteve presente como orador o seu patrono, Augusto Fuschini, sendo o seu discurso publicado no jornal *A Luz do Operário*⁵⁰.

Na Cooperativa de Avintes, apesar de não termos referências à sua atividade no campo da instrução, a sua designação, Cooperativa de Crédito e Consumo Instrutiva Avintense⁵¹, revela por si só o objetivo de investir na instrução popular.

Para além destas cooperativas, existiam muitas mais em Vila Nova de Gaia, onde o movimento cooperativista conheceu bons resultados na última década do século XIX. Porém, através da fonte hemerográfica que utilizamos não temos conhecimento de nenhuma outra que tenha constituído gabinetes de leitura e de instrução, assim como organizado conferências fora do contexto das sessões solenes e das sessões de propaganda. Apesar dessa falta de notícias, é provável que tal tenha acontecido, especialmente nas que se encontravam mais distantes do centro urbano do concelho.

⁴⁷ *A Luz do Operário*, n.º 199, 14.10.1900.

⁴⁸ *A Luz do Operário*, n.º 103, 21.02.1897; em notícia publicada em data anterior no jornal *O Comércio de Gaia*, n.º 3, 17.01.1897, o autor da notícia afirma que esta cooperativa tinha fundado um curso de instrução noturno.

⁴⁹ *A Luz do Operário*, n.º 173, 15.10.1899.

⁵⁰ *A Luz do Operário*, n.º 104, 21.02.1897.

⁵¹ *A Luz do Operário*, n.º 313, 26.02.1905.

c) os Gabinetes de Leitura e a Instrução

O ano de 1896 parece-nos importante para a instrução operária no concelho, pois a 15 de novembro surge a primeira referência à constituição de uma associação ligada quase exclusivamente à instrução dos mais desfavorecidos. Segundo a notícia, um grupo de gaienses trabalhava então afincadamente para constituir um gabinete de leitura e uma escola de oradores, a fim de suprimir uma das necessidades dos operários da terra⁵². Logo, a 10 de janeiro do ano seguinte, temos a informação de que a associação já se constituíra com a designação de Gabinete de Instrução Oratória e Social Operária de Gaia⁵³.

A partir desta época, assistiu-se à vulgarização deste tipo de associativismo, que, a avaliar pela informação que dispomos, se difundiu no concelho. Depois de 1905, este movimento parece perder intensidade, surgindo-nos apenas referências à constituição de uma associação com estas características⁵⁴.

A 21 de março de 1897 temos referência à Escola Prática Oratória Instrutiva Operária de Mafamude, que era apresentada como o modelo de escola operária a seguir⁵⁵. Porém, não temos nenhuma informação referente à data da sua fundação, pelo que não a considerámos em primeiro lugar. Mas o facto de ser apresentada como um exemplo poderá indicar que foi uma das primeiras a ser constituída. Neste mesmo ano, o jornal *O Comércio de Gaia* dá notícia de que em Canidelo, no dia 22 de março se tinha inaugurado uma escola operária, que tinha por lema «Instruir é Revolucionar»⁵⁶. Curiosamente o jornal *A Luz do Operário*, grande promotor destas iniciativas, não faz qualquer referência a esta agremiação.

A 8 de agosto aparece-nos uma notícia sobre o Instituto Operário Vilanovense. Não se tratava, no entanto, de uma nova associação dedicada à instrução, mas sim de uma reestruturação do já referido Gabinete de Instrução Oratória e Social Operário de Gaia, que, ao que parece, estaria quase inativo, quando um grupo de sócios decidiu reestruturá-lo e refundá-lo⁵⁷, o que reflete a debilidade destas instituições, já que a antiga associação contava com pouco mais de meio ano de existência.

A 19 de setembro do mesmo ano, uma outra notícia referia que havia já algum tempo se falava na criação de um gabinete no lugar do Candal, mas que até esse

⁵² *A Luz do Operário*, n.º 97, 15.11.1896.

⁵³ *A Luz do Operário*, n.º 101, 10.01.1897.

⁵⁴ Ainda não tivemos acesso aos números do jornal *A Luz do Operário* publicados entre março de 1901 e março de 1905.

⁵⁵ *A Luz do Operário*, n.º 106, 21.03.1897.

⁵⁶ *O Comércio de Gaia*, n.º 14, 04.04.1897.

⁵⁷ *A Luz do Operário*, n.º 116, 08.08.1897; Segundo AFONSO, 1994: 53-59, a Cartilha Maternal foi pela primeira vez aplicada na Escola de Arcozelo, pelo abade da mesma freguesia.

momento nada se tinha feito, apesar de se tratar de um lugar populoso, onde a instrução era muito escassa e onde abundavam os operários na taberna⁵⁸. No mesmo jornal temos a referência de que se pensava constituir uma associação de instrução e recreio no lugar das Devesas, com o objetivo de criar escolas que seguissem o método de João de Deus, um gabinete de leitura, bem assim como uma secção dramática e uma secção de dança⁵⁹. O jornal de 3 de outubro informava que esta nova associação já estava fundada e tinha como designação, Sociedade Instrução e Recreio «Amigos da Luz»⁶⁰. Em notícia do mesmo dia, surge nova referência ao grupo acima mencionado do Candal, anunciando que este se deveria reunir em breve para assentar as bases pelas quais se deveria reger o gabinete, e nota de que em casa de Henrique de Macedo, militante socialista residente no lugar do Candal, iria iniciar-se em breve um curso noturno de primeiras letras⁶¹.

No ano de 1898, voltamos a ter informação de que um grupo de gaienses pensava constituir uma nova associação voltada para a instrução e para a beneficência que se designaria Sociedade de Instrução e Beneficência «A Luz do Operário»⁶². Logo no número seguinte, temos a informação de que já estava instituída, com ligação direta ao jornal homónimo, sendo também publicados os estatutos dessa sociedade, que tinha como principais objetivos educar e instruir os associados, bem como apoiar as respetivas famílias nos casos de falecimento, cobrindo parte das despesas do funeral⁶³. Parece ter sido uma tentativa de criar em Vila Nova de Gaia uma agremiação à imagem da lisboeta «A Voz do Operário», mas, ao contrário desta, a agremiação gaiense não terá tido sucesso, a julgar pela notícia de 25 de dezembro desse ano, em que a direção do jornal se desvinculava da nova sociedade⁶⁴, sendo esta a última notícia sobre a mesma.

A 5 de fevereiro do ano seguinte, temos a informação de que um grupo de jovens de Oliveira do Douro pensava constituir nessa freguesia um gabinete de leitura e uma escola de oratória⁶⁵. A confirmação da sua instituição chega-nos duas semanas depois, com a notícia de que já estaria a funcionar no lugar da Formigosa, adotando a designação de Gabinete Social Operário Oliveirense e que a afluência de associados era considerável⁶⁶. No jornal de 10 de junho de 1900, esta

⁵⁸ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19.09.1897.

⁵⁹ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19.09.1897.

⁶⁰ *A Luz do Operário*, n.º 120, 03.10.1897.

⁶¹ *A Luz do Operário*, n.º 120, 03.10.1897.

⁶² *A Luz do Operário*, n.º 137, 29.05.1898.

⁶³ *A Luz do Operário*, n.º 138, 12.06.1898.

⁶⁴ *A Luz do Operário*, n.º 152, 25.12.1898.

⁶⁵ *A Luz do Operário*, n.º 155, 05.02.1899.

⁶⁶ *A Luz do Operário*, n.º 156, 19.02.1899.

associação volta a ser notícia, porque a direção pensava constituir em breve uma banda de música com o propósito de animar sessões solenes das associações congéneres⁶⁷. A 2 de fevereiro do ano seguinte, era noticiada a sua primeira atuação na sede da associação, revelando que a banda de música adotara como designação Troupe Musical Honra e Glória Oliveirense⁶⁸. Esta iniciativa de criar uma banda musical prende-se, certamente, com o facto de tentar angariar associados, como nos comprova uma notícia de 24 de junho de 1900, que nos relata que os ensaios já se tinham iniciado, despontando a adesão de novos sócios⁶⁹.

A 11 de junho de 1899, temos a informação de que Pedro da Costa Oliveira⁷⁰ teria sido convidado para proferir uma conferência em São Félix da Marinha em favor da instrução, para ajudar um grupo de rapazes que naquela freguesia tentava constituir um gabinete de leitura e instrução⁷¹. Porém, não voltámos a ter mais informações acerca deste assunto.

A 6 de agosto, o jornal noticiava que, finalmente, se teria constituído um gabinete de instrução no lugar do Candal, adotando a designação de Instituto de Instrução União Operária do Candal. Nessa data, esta associação contaria já com 41 associados, sendo a aula noturna bastante frequentada⁷². Aproximadamente sete anos depois, o jornal informava que esta associação se iria dissolver, principalmente por dois motivos, sendo o primeiro o facto de não poder fazer novo contrato de arrendamento por falta de verba e o segundo, e mais importante, devido à falta de alunos que nos últimos tempos não passavam dos quatro a cinco⁷³.

A 29 de outubro, uma notícia faz alusão a uma palestra que terá sido organizada pelo Instituto Operário de Instrução Social, informando que este centro havia já quatro meses vinha ministrando uma aula aos seus associados e respetivos filhos na freguesia de Oliveira do Douro⁷⁴. Porém, as referências que temos não nos dei-

⁶⁷ *A Luz do Operário*, n.º 190, 10.06.1900.

⁶⁸ *A Luz do Operário*, n.º 207, 02.02.1901.

⁶⁹ *A Luz do Operário*, n.º 191, 24.06.1900.

⁷⁰ Este foi uma figura incontornável da instrução operária gaiense, estando presente na criação de alguns centros de estudo para operários no período cronológico aqui abordado. Segundo o próprio, era natural da freguesia de São Félix da Marinha. Afirmava-se como afeto às doutrinas de Karl Marx e José Fontana e defensor da República, porque nela tinha «esperanças palpáveis de um futuro próspero para o comércio e indústria» e por isso acreditava que com ela viriam dias felizes para os seus «irmãos de trabalho e sofrimento» (*A Defesa*, n.º 195/143, 15.04.1911). Nos anos 20 do século XX foi presidente da Junta de Freguesia de Santa Marinha.

⁷¹ *A Luz do Operário*, n.º 164, 11.06.1899.

⁷² *A Luz do Operário*, n.º 168, 06.08.1899.

⁷³ *A Luz do Operário*, n.º 350, 29.07.1906.

⁷⁴ *A Luz do Operário*, n.º 174, 29.10.1899.

xam perceber se esta seria uma associação diferente do já referido Gabinete Social Operário Oliveirense ou se se tratava da mesma agremiação.

A 4 de fevereiro de 1900, fundava-se uma nova associação de instrução, desta vez no lugar de Coimbrões, designando-se por Sociedade de Instrução União Operária de Coimbrões⁷⁵. Neste mesmo ano, temos ainda a informação de que se iria constituir um novo gabinete, agora em Avintes, que se designaria por Instituto Operário Avintense de Instrução e Beneficência⁷⁶.

No ano seguinte, o jornal fazia referência a mais uma associação que acabava de se fundar na freguesia de Oliveira do Douro, mais propriamente no lugar de Gervide, que se designava Gabinete de Leitura Popular de Ensino Livre⁷⁷.

A 5 de novembro de 1905, noticiava-se que na principal via da vila⁷⁸ iria surgir um novo gabinete de instrução pela mão de Pedro da Costa Oliveira e Diogo Moreira da Silva, com a designação de Gabinete de Instrução Flor de Gaia⁷⁹. Em números posteriores, Pedro da Costa Oliveira explicaria em vários textos o motivo da abertura deste novo centro, apontando como principais objetivos da sua existência o ensinar a ler, escrever e contar⁸⁰.

No que toca a referências acerca das «associações de instrução» esta foi a última que encontrámos no jornal no período aqui considerado (1893-1914), o que não significa que não tenham existido outras, como nos revelam João Freire e Maria Alexandra Lousada⁸¹, quando se referem ao anarquista gaiense António Teixeira de Araújo, que terá feito parte do grupo libertário «Verdade e Luz», em Coimbrões, onde terá funcionado uma escola, da qual não encontrámos nenhuma informação no jornal *A Luz do Operário*.

d) as Associações de Classe e a Instrução

Sobre o papel das associações de classe na instrução operária não dispomos de muitas informações, para além das sessões solenes. Aquela de que dispomos mais dados no campo da instrução é da Associação dos Operários Tanoeiros de Gaia, nomeadamente, a tentativa de instituir uma escola diurna em dois momentos distintos. A primeira referência surge-nos no ano de 1894 e destacava a extrema

⁷⁵ *A Luz do Operário*, n.º 181, 04.02.1900.

⁷⁶ *A Luz do Operário*, n.º 190, 10.06.1900.

⁷⁷ *A Luz do operário*, n.º 206, 20.01.1901.

⁷⁸ À época a principal via da vila era a rua Direita, hoje rua Cândido dos Reis, sendo uma das artérias da parte histórica de Vila Nova de Gaia.

⁷⁹ *A Luz do Operário*, n.º 331, 05.11.1905.

⁸⁰ *A Luz do Operário*, n.º 332, 19.11.1905.

⁸¹ FREIRE & LOUSADA, 2013: 61.

importância da instrução. Referia-se que, caso a aula não abrisse nesse ano, quase de certeza abriria no ano seguinte. Porém, não temos mais nenhuma informação sobre essa iniciativa⁸², que provavelmente não terá vingado, já que em 1898 há uma chamada de atenção aos operários tanoeiros que se preocupavam mais com «jogatinas» do que com o futuro da classe⁸³, e porque em 1900 surgiria uma nova tentativa de instituir uma aula noturna na associação⁸⁴.

Para além destas tentativas, preocupou-se também com outras iniciativas em que eram discutidos os seus problemas. Organizou várias sessões de propaganda, como, por exemplo, em 1900, em que procurou sensibilizar todos os tanoeiros, realizando palestras em Vila Nova de Gaia e Ovar, as três primeiras nas freguesias gaienses com maior número de operários nesta arte (Serzedo, Vilar do Paraíso e Oliveira do Douro)⁸⁵. Temos informação de que também organizou diversos comícios que tinham por objetivos discutir a situação que a classe enfrentava e enviar representações ao governo, como, por exemplo, o comício que se realizou em 1900 na sede desta associação⁸⁶. Estas iniciativas estavam ligadas mais à instrução política, mas também eram uma tentativa de criar uma noção de união de classe entre os associados.

Porém, a intervenção das associações de classe terá ficado aquém das expectativas inicialmente criadas. Em 1913, era publicado um artigo no jornal *A Luz do Operário*, assinado por Ladislau Piçarra⁸⁷, em que afirmava que o operário, para conseguir a emancipação, precisava primeiro de educar o espírito e que, para isso, a instrução teria que começar nas suas associações:

As nossas classes laboriosas sofrem d'uma grande inercia cerebral, e é, precisamente, mercê d'uma tal inercia, que ellas revelam tamanha reluctancia pela cultura literaria. Mas é indispensavel chamar á vida intelectual essas classes, despertar-lhes o gosto pelo estudo; e a melhor fôrma de conseguir este desideratum, repito, é introduzindo a escola nas associações de classe: Primeiro, a escola d'instrução primaria elementar, depois a d'instrução primaria complementar e mais tarde o ensino profissional⁸⁸.

⁸² *A Luz do Operário*, n.º 44, 04.11.1894.

⁸³ *A Luz do Operário*, n.º 139, 26.06.1898.

⁸⁴ *A Luz do Operário*, n.º 199, 14.10.1900.

⁸⁵ *A Luz do Operário*, n.º 184, 18.03.1900.

⁸⁶ *A Luz do Operário*, n.º 197, 16.09.1900.

⁸⁷ Este artigo é um original do jornal *A Lucta*.

⁸⁸ *A Luz do Operário*, n.º 447, 17.04.1910.

e) o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia e a Instrução

Por fim, no que toca à contribuição do associativismo para a instrução, resta-nos voltar a considerar o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia que, como anteriormente referimos, foi fundado em 1899. De facto, este centro foi o que mais ênfase teve na instrução operária, ou não fossem os princípios socialistas que estivessem por detrás da sua ação e da maioria das associações acima referidas.

Logo a 6 de agosto de 1899, e passado pouco tempo da abertura do centro, temos a informação de que este pretendia instituir uma escola e que não se poupava: «a esforços, com o fim de conseguir a emancipação dos trabalhadores, libertando-os das garras aduncas dos loyolas infames»⁸⁹. Apesar desta primeira notícia, só voltamos a ter informação acerca da tentativa do centro instituir uma escola no ano seguinte, sendo noticiado que pretendia criar uma aula diurna⁹⁰. Porém, acreditamos que o centro já a teria instituído, tendo por base vários exemplos anteriores de que, antes da sua constituição, estas instituições criavam primeiro aulas noturnas. Como é noticiado a 14 de outubro desse ano, o centro organizou uma sessão solene para assinalar a abertura desta última⁹¹. Ao que parece, estas seriam muito concorridas, principalmente por crianças, como nos revela uma notícia de 25 de novembro⁹².

A 9 de dezembro, surge nova indicação de que o centro pensava constituir uma aula diurna, o que nos mostra que o plano noticiado anteriormente ainda não tinha sido posto em prática, e que esta ideia surgia novamente tendo como base o sucesso que a aula noturna estava a ter⁹³. Nesta notícia temos ainda a informação de que as aulas seguiam o «Pequeno Manual do Povo», do socialista Manuel José da Silva⁹⁴.

Em 1905, a aula noturna ainda funcionava, como nos comprova uma notícia de 8 de outubro, que nos informa que o centro organizara uma sessão solene para assinalar a abertura do ano letivo na sua escola⁹⁵, não havendo qualquer informação acerca da aula diurna, que, se chegou a concretizar-se, não terá tido grande resultado.

O centro organizou também diversas conferências, sessões solenes, assim como sessões de propaganda, sendo muitas vezes as conferências utilizadas com esse fim.

⁸⁹ *A Luz do Operário*, n.º 168, 06.08.1899.

⁹⁰ *A Luz do Operário*, n.º 197, 16.09.1900.

⁹¹ *A Luz do Operário*, n.º 200, 28.10.1900.

⁹² *A Luz do Operário*, n.º 202, 25.11.1900.

⁹³ *A Luz do Operário*, n.º 203, 09.12.1900.

⁹⁴ *A Luz do Operário*, n.º 203, 09.12.1900.

⁹⁵ *A Luz do Operário*, n.º 329, 08.10.1905.

Logo a 14 de maio de 1899, ou seja, em data anterior à tentativa de instituir uma aula, o Centro Socialista de Vila Nova de Gaia pensava promover uma série de conferências semanais, que se realizariam todas as quartas-feiras, sendo a primeira apontada para a última quarta-feira do mês⁹⁶. Pretendia-se que estas conferências, para além de instrutivas, funcionassem como sessões de propaganda. A 25 de junho, temos a informação de que eram muito concorridas e que abordavam vários temas úteis, daí estarem a contribuir para o aumento do número de sócios⁹⁷. Em setembro desse mesmo ano, as palestras seriam suspensas por ordem das autoridades administrativas do concelho, anunciando-se que só seriam retomadas com ordem das mesmas⁹⁸, o que viria a acontecer cerca de um mês mais tarde⁹⁹.

Em 1906, voltava a noticiar-se que o centro iria realizar uma série de conferências, onde seriam apresentados os princípios do partido, depois de os republicanos terem tentado absorver parte dos seus sócios durante a campanha eleitoral, difundindo a ideia de que o socialismo só tinha razão de ser com o sistema republicano instaurado. Nesta época, o dia escolhido para a realização das conferências já não era a quarta-feira, mas sim o domingo à tarde¹⁰⁰.

Falando na instrução, não nos podemos esquecer dos comícios que se realizavam na Serra do Pilar, no 1.º de Maio. No ano de 1897, temos a informação de que, para além deste, se teria realizado, no Areinho de Oliveira do Douro, um outro para assinalar esta data e que terá decorrido no dia 2 de maio, organizado pela Associação dos Trabalhadores do Porto¹⁰¹.

Definido como «o primeiro feriado do calendário socialista»¹⁰², nenhuma associação operária queria deixar de o celebrar. Por isso, normalmente na noite desse dia, organizavam-se sessões solenes nas sedes das associações.

f) outras associações

Para além das associações já referidas, temos referência a outras que se preocuparam com a instrução dos mais desfavorecidos, que, não sendo exclusivamente operárias, contribuíram também de alguma forma para a instrução popular. Podemos dar como exemplo a Associação do Registo Civil de Gaia, que, aquando da sua instalação, tinha como objetivos criar escolas em diversos

⁹⁶ *A Luz do Operário*, n.º 162, 14.05.1899.

⁹⁷ *A Luz do Operário*, n.º 165, 25.06.1899.

⁹⁸ *A Luz do Operário*, n.º 171, 17.09.1899.

⁹⁹ *A Luz do Operário*, n.º 174, 29.10.1899.

¹⁰⁰ *A Luz do Operário*, n.º 353, 09.09.1906.

¹⁰¹ *A Luz do Operário*, n.º 109, 01.05.1897.

¹⁰² *A Luz do Operário*, n.º 109, 01.05.1897.

pontos do concelho para associados e filhos, assim, como organizar conferências antijesuíticas¹⁰³. Outra coletividade foi a Associação Fúnebre Vilanovense, que em 1897 aprovou em assembleia-geral a abertura de escolas para sócios e filhos¹⁰⁴. Porém, na assembleia seguinte, um grupo de sócios colocou-se contra esta iniciativa, insultando o seu mentor, o que, segundo o redator da notícia, era prova do analfabetismo português¹⁰⁵. A associação cancelou esse projeto, que voltaria a ser equacionado em 1900, quando esta mesma associação aprovou em assembleia-geral, que 80% dos seus lucros revertissem para um fundo de instrução, com o objetivo de criar escolas para os sócios e para os seus filhos¹⁰⁶. E não nos podemos esquecer dos centros democráticos e dos centros republicanos existentes na vila. Segundo o *Almanaque de Vila Nova de Gaia* de 1912, existiam no concelho três centros democráticos e três centros republicanos¹⁰⁷. Porém, estes números poderão não estar corretos, porque nesta mesma fonte só temos a informação de um centro socialista e, como já comprovámos, existiam outros distribuídos por várias freguesias do concelho¹⁰⁸.

5. CONCLUSÃO

Como pudemos observar ao longo deste nosso trabalho, existiram em Vila Nova de Gaia várias associações operárias espalhadas pelo concelho que se dedicaram à instrução. Apesar de não conseguimos relacionar diretamente a II Conferência Nacional Socialista com a criação destas escolas, verificamos que é após a realização desta última que a preocupação com a instrução do operariado vai aqui crescendo.

No entanto, nenhuma destas associações chegaria até aos nossos dias, e poucas ultrapassariam o período temporal aqui abordado. O principal fator que consideramos ser o motivo para o falhanço destas iniciativas, para além dos já invocados ao longo deste trabalho, foi o desinteresse da classe operária por elas. São várias as críticas publicadas no jornal *A Luz do Operário* que nos levam a fazer esta afirmação.

Uma das principais críticas é publicada em 1913 a propósito de uma conferência que tinha decorrido no Centro Socialista de Coimbrões, tendo esta tido pouca assistência. O autor da notícia refere-se a essa situação com a seguinte ironia:

¹⁰³ *A Luz do Operário*, n.º 93, 20.09.1896.

¹⁰⁴ *A Luz do Operário*, n.º 119, 19.09.1897.

¹⁰⁵ *A Luz do Operário*, n.º 123, 14.11.1897.

¹⁰⁶ *A Luz do Operário*, n.º 181, 04.02.1900.

¹⁰⁷ *Almanaque...*, 1912: 110.

¹⁰⁸ Sobre associativismo político, e em concreto sobre os centros republicanos gaienses vd. GUIMARÃES & TEIXEIRA, 2010: 20-28.

*“Onde haverá um baile? Onde haverá uma rifa? Onde haverá uma romaria? Finalmente, onde haverá qualquer divertimento onde se possa bem saciar os nossos desejos na folia?”
Eis a pergunta dos novos, da juventude, dos que deveriam antes perguntar:*

“Onde haverá um Centro operario? Onde haverá uma escola nocturna? Onde haverá uma conferencia operaria? Finalmente, onde haverá qualquer escola, ou mesmo qualquer barraquim, onde nos possamos instruir?”

Como é triste! Muito triste, os novos, os que devem ser os verdadeiros libertadores da sociedade oprimida, sejam os verdadeiros interpretes inconscientes, para a retroceder.

É triste! Muito triste, que os incansaveis propagandistas das sãs doutrinas socialistas, tenham sempre que falar, aos que de há muito os vem ouvindo¹⁰⁹.

Um outro motivo terá sido a falta de diálogo e de estratégia dos líderes do movimento operário gaiense, que culminou com o aparecimento de um grande número de instituições o que impossibilitou a criação de uma associação com maior peso social e apoio, apoio esse que lhe permitia uma estrutura mais sólida e duradoura.

A juntar a estes fatores, consideramos que o aumento substancial de escolas públicas¹¹⁰ e o aparecimento em força dos centros republicanos a partir de 1910, assim como as escolas de credo anarquista, de que a referida no texto é exemplo, terão dado a o golpe final no ideário das «escolas operárias». Por fim, não podemos deixar de referir o papel que as escolas protestantes tiveram na instrução dos operários, sendo que em 1914, existiam em Vila Nova de Gaia quatro escolas promovidas pela Igreja Lusitana.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Hemerográficas

A Defesa (Vila Nova de Gaia, 1911).

Almanaque de Gaia (Porto, 1912).

A Luz do Operário (Vila Nova de Gaia, 1893-1901; 1905-1914).

O Comércio de Gaia (Vila Nova de Gaia, 1897).

¹⁰⁹ *A Luz do Operário*, n.º 529, 15.06.1913.

¹¹⁰ Em 1912 existiam em Vila Nova de Gaia: 40 escolas públicas, sendo 20 masculinas, 17 femininas e 3 mistas, cf. SANTOS, 2014: 46.

Bibliografia

- AFONSO, José António (1994) – 1883 – *Tempo de criação de uma escola (Arcozelo – Vila Nova de Gaia)*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 37, 6, p. 53-59.
- BAPTISTA, Eva (2010) – *Vila Nova de Gaia e o Ultimatum: contributo para a História do Republicanismo em Vila Nova de Gaia*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 70, 11, p. 59-68.
- CASTRO, Maria João de Abreu Mena Guimarães (1999) – *O Operário (1879-1882) e o movimento socialista no Porto*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Dissertação de mestrado.
- COSTA, Francisco Barbosa da; MOREIRA, Maria Fernanda (2001) – *S. Cristovão de Mafamude*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia/ Junta de Freguesia de Mafamude.
- COSTA, Francisco Barbosa da (2005) – *Instituições do Distrito do Porto*. Porto: Governo Civil.
- FREIRE, João; LOUSADA, Maria Alexandre (2013) – *Roteiros da memória urbana do Porto: Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUIMARÃES, Gonçalves (1997) – *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia: Livro do Centenário da Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia 1897-1997*. Vila Nova de Gaia: Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; TEIXEIRA, Maria de Fátima (2010) – *O Centro Republicano de Pedroso e o associativismo político em Vila Nova de Gaia*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», 71, 11, p. 20-28.
- MÓNICA, Maria Filomena (1980) – *Ler e Poder: debate sobre a educação popular nas primeiras décadas do século XX*. «Análise Social», XVI (63), 3.º, p. 499-518.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz (2002) – *A cultura operária em Portugal: teatro e socialismo durante a Primeira República (1910-1926)*. Cascais: Patrimonia.
- SANTOS, Licínio Manuel Moreira (2014) – *Cultura e lazer operários em Gaia, entre o final da Monarquia e o início da República (1893-1914)*. Porto: Faculdade de Letras da U.Porto. Dissertação de mestrado.
- SILVA, António Manuel S. P. (2013) – *Paróquia de Cristo e Colégio Evangélico Lusitano, um século de testemunho cristão em Oliveira do Douro (V. N. Gaia)*. Vila Nova de Gaia: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Comunhão Anglicana).

